XUXA
APRESENTA

Conte outra vez.

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS INFANTIS DE TODOS OS TEMPOS

EDITORA GLOBO

O APRENDIZ DE FEITICEIRO

O PÁSSARO DE OURO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

EDITORA GLOBO

XUXA
APRESENTA

Conte outra vez

O APRENDIZ DE FEITICEIRO
pág. 1

Simão não era como a maioria dos garotos de sua idade. Seu maior prazer era ler. Gostava tanto que um dia descobriu que já havia lido todos os livros de sua casa e todos os que existiam em sua cidade. Ele resolveu então viajar para outros lugares, onde encontraria novos livros, muitos livros. Simão teve sorte. Logo conheceu um sábio, que tinha uma porção de livros, de todos os tipos. Ele deixou Simão escolher qualquer um que quisesse ler. Todos, menos um. Um livrinho vermelho, que o menino não deveria ler. É claro que Simão não resistiu. E você nem imagina o que havia naquele livrinho!

O PÁSSARO DE OURO
pág. 25

Não sei onde fica esse lugar, nem como se chega lá, se é de carro, de trem ou de avião. Mas tenho certeza de uma coisa: é um lugar que vale a pena conhecer. Lá existem macieiras que dão maçãs de ouro, pássaros com penas também de ouro, uma raposa que sabe mais do que o rei e os príncipes. Tem até um cavalo de ouro e uma princesa com o coração de ouro. Mas, mesmo com tanto ouro, poucas pessoas nesse reino são felizes. Parece que nem toda a riqueza do mundo pode trazer a felicidade. Foi isso que o filho mais velho do rei teve que aprender, até encontrar seu caminho.

EDITORA
GLOBO

CONTE OUTRA VEZ — As Mais Belas Histórias Infantis de Todos os Tempos é uma edição extraída da obra **Era Uma Vez...**

Copyright © Gruppo Editoriale Fabbri S.p.A. (1966, 1988), Milano.
Copyright © Editora Globo S.A. (1988, 1991) para a língua portuguesa.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em computador ou transmitida de qualquer forma e por quaisquer meios, eletrônicos, mecânicos, por fotocópia, gravação ou outros, sem a permissão expressa e escrita do titular dos direitos autorais.

Editora Globo S.A.
Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo - Telex (011) 54071, SP, Brasil.

Distribuidor exclusivo para as bancas em todo o território nacional:
Fernando Chinaglia Distribuidora S.A.
Rua Teodoro da Silva, 907, CEP 20563, Rio de Janeiro, RJ.

IMPRESSÃO MARPRINT.

ISBN 85-250-0907-5 (obra completa)
ISBN 85-250-0913-X (volume 6)

O aprendiz de feiticeiro

Ilustração: Sergio

Num país muito distante,
morava um menino chamado
Simão. Era inteligente
que só vendo e gostava,
mais do que qualquer
coisa no mundo, de
ficar horas e horas
lendo sem parar.

Um dia, ele descobriu que
já tinha lido tudo quanto
era livro do lugarejo
onde vivia. E resolveu
ir para uma cidade maior,
onde pudesse arranjar
emprego numa livraria.

Simão fez a trouxa, pediu a bênção ao pai e ganhou a estrada.

Depois de muito andar, encontrou um homem que, por acaso, era dono de uma livraria.

O garoto parou, cumprimentou o estranho e perguntou:

— Será que o senhor pode arrumar um emprego pra mim?

O homem olhou para ele de cima a baixo, pensou um pouco e disse:

— Claro que sim. Eu lhe ensinarei a arte de encadernar livros. Pode me chamar de mestre.

No dia seguinte, Simão caminhou todo contente até a livraria. Assim que chegou, o homem foi dizendo:

— Eu sou um sábio. Leio muito e faço experiências para descobrir coisas sobre o mundo.

— Que interessante! — comentou o garoto, mesmo sem entender que coisas eram aquelas.

Os dois caminharam bastante até chegar à casa do sábio, numa cidade grande e bonita. Então, o menino foi levado a uma sala cheia de instrumentos e livros, onde tudo parecia estar, há muito tempo, na mais completa desordem.

— É aqui que eu trabalho — disse o homem.

"Que bom!", pensou o menino. "Aqui, sim, é que eu vou poder ler até o fim da vida..."

— Quero que você limpe esta sala todo dia — pediu o sábio. — Mas deixe os livros do jeito que estão. Assim fica mais fácil consultar qualquer um deles, sem perder horas e horas.

— Sim, senhor — respondeu Simão, encantado. — E eu posso ler alguns livros depois do trabalho?

O mestre estranhou um pouco o pedido do menino. Mas não viu mal algum em concordar que ele lesse seus livros.

— Claro — respondeu o homem. — Você pode ler tudo o que quiser. Mas não esqueça uma coisa: não pegue aquele ali por nada deste mundo.

E apontou para um livrinho vermelho, cheio de fitas, que estava na prateleira de cima.

— Pode ficar sossegado. Naquele não vou mexer — prometeu Simão.

O sábio juntou uns rolos de papel que estavam em cima da mesa e deu uma espiada em volta para ver se não estava esquecendo nada. Aí chamou a sua coruja, que pousou rapidamente no ombro dele.

— Bem, agora eu preciso estudar umas plantas lá perto do rio. E só volto à noitinha. Limpe tudo e depois leia à vontade. Menos aquele livrinho ali...

— Pode ficar sossegado — disse o menino.

Quando o homem pôs a mão no trinco da porta, ainda se virou para trás e explicou:

— O livrinho vermelho tem coisas que ninguém pode saber. Muito menos um garoto como você.

O sábio foi embora e Simão começou a arrumar a sala. Mas, nem bem acabou de espanar a mesa, parou e ficou olhando para a prateleira de cima.

"O que será que tem naquele livrinho que ninguém pode saber?", pensou, morrendo de curiosidade.

Nessa hora, uma vozinha saída lá do fundo da mente do garoto começou a dizer que ele tinha prometido não mexer no livro. Era a consciência de Simão, que sempre tentava impedir que o menino fizesse coisas erradas.

Ele já estava desistindo de quebrar a promessa quando outra vozinha disse que não havia mal algum em dar só uma olhadinha no livro. Era a voz da curiosidade, que acabou convencendo o garoto.

Sem pensar mais na promessa, Simão saltou bem alto, pegou o livrinho e leu o mais depressa que pôde.

— Puxa! — exclamou. — Esse livro ensina mágicas pra gente se transformar no que quiser...

Então, começou a dar pulos e cambalhotas de felicidade, até que caiu estendido no chão.

Enquanto descansava, começou
a pensar em que poderia
se transformar primeiro.

— Já sei! — gritou ele. —
Só preciso ver direito como
é a fórmula mágica.

Simão folheou o livrinho todo
para encontrar as palavras certas.
Então, leu devagar e em voz alta:

— Eu tenho o que não tinha:
agora sou uma andorinha.

Na mesma hora, seus braços viraram
asas, as pernas viraram patas
e ele inteiro virou andorinha.

— A mágica funciona mesmo! —
exclamou, contentíssimo.

Aí, pegou o livro com o bico e
saiu voando para a casa do pai.

Simão entrou pela janela, pousou de seu vôo mágico e disse a fórmula para se transformar de novo.

— Adeus, meu bico fino: agora eu sou um menino.

E virou gente outra vez. O pai olhava abobalhado para tudo aquilo, sem acreditar no que via.

"Será que estou ficando louco?", pensou ele.

— Papai, o senhor não imagina o que aconteceu — disse o garoto, muito animado. — Vamos ficar ricos!

Assim que se recuperou de tamanho espanto, o homem abraçou o filho com carinho e perguntou:

— Mas como é que nós vamos fazer pra ficar ricos?

Simão contou a história do sábio e do livrinho mágico. E, quando terminou, combinou com o pai:

— Amanhã cedo, a gente começa a ganhar dinheiro. Eu viro boi e o senhor me vende no mercado.

O coitado do pai só escutava, sem dizer nada.

— Mas preste atenção — continuou o menino. — Antes que o comprador me leve embora, não esqueça de tirar uma fita vermelha que eu vou amarrar na pata.

— Por quê? — perguntou o homem.

— Porque senão eu não consigo me transformar de novo em menino — explicou Simão. — Não esqueça...

No dia seguinte, Simão acordou bem cedo e disse:

— Vou ser o que ninguém foi: agora eu sou um boi.

E começou a mugir. O pai colocou uma corda no pescoço dele, e os dois foram para o mercado.

Logo uns homens rodearam o boi, para examinar os dentes, os músculos, o pêlo.

— É lindo! — disse um deles. — Quanto custa?

— Vinte moedas de ouro. Pode ficar sossegado que é uma boa compra — respondeu o pai de Simão.

— Então o negócio está fechado — disse o homem.

Antes de entregar o boi, o pai de Simão tirou a fita.

— Esse enfeite não está incluído no preço — explicou.

O comprador levou o boi até a sua casa e foi buscar comida para ele. Nessa hora, Simão virou menino de novo e escapou.

Quando o homem voltou, procurou o bicho por toda a parte, sem entender nada.

— Onde o boi se meteu? — perguntou ele.

Simão já estava em casa, rindo muito:

— Ha! Ha! Ha! Que bom negócio! O bobalhão deve estar até agora procurando o boi.

Quem não estava gostando nada daquilo era a consciência do menino. Mais uma vez, uma vozinha, vinda lá do fundo da mente de Simão, disse que enganar os outros daquele jeito era o mesmo que roubar. O garoto nem ligou, mas a voz insistiu, afirmando que mais cedo ou mais tarde a gente acaba pagando pelo que faz de errado.

— Que nada! — riu o garoto.

E, sem dar ouvidos, sentou-se e comeu tudo o que viu sobre a mesa. Depois, disse ao pai:

— Amanhã, o senhor vai chegar no mercado com um cavalo que vai deixar todo o mundo encantado.

De manhã cedo, o pai de Simão saiu de casa puxando um cavalo de raça.
Assim que entrou na praça do mercado, uma porção de gente correu para ver aquele animal tão bonito e enfeitado.

O cavalo só olhava em volta, todo orgulhoso por chamar a atenção.
Mas de repente engoliu em seco, pois viu seu mestre ali por perto.

"E agora?", pensou. "Com certeza ele vai perceber que sou eu..."

O mestre também observava o cavalo, muito desconfiado "Engraçado, esse bicho não me é estranho...", pensou. Enquanto meditava, o feiticeiro veio se aproximando do cavalo.

O pai de Simão, sem perceber nada, começou a oferecer o animal para os fregueses.

— Vejam só que maravilha — dizia ele. — Quem me dá quarenta moedas de ouro por esse cavalo sem igual?

— Eu pago — gritou o sábio levantando a mão, antes que alguém abrisse a boca.

Todo o mundo olhou para ele, porque o preço era alto.

Nessa hora, o cavalo começou a espernear e a dar coices, provocando a maior confusão, com gente e bicho para todo o lado.

O pai do menino quis tirar a fita vermelha, mas o feiticeiro insistiu para que o enfeite fosse deixado na pata do animal.

— A fita não está incluída no preço — disse o pai.

— Eu lhe pago mais duas moedas — respondeu o homem.

O pai de Simão nem teve tempo
de reagir, pois rapidamente
o feiticeiro tirou do bolso as
moedas de ouro e pagou a compra
que tinha feito.

— Aqui está o dinheiro —
disse ele ao pai de Simão.

E chamou dois empregados
para levarem o animal.
Mas o cavalo fincou as quatro
patas no chão com toda a força
e não saiu dali, por
mais que os homens puxassem,
batessem e resmungassem.

— Ele empacou porque não quer andar com essa fita vermelha na pata — disse o pai do menino. — Espere só um minuto que eu vou tirar.

— Pode deixar — respondeu o sábio. — A gente acaba levando o animal empacado mesmo. Não se preocupe.

O pai de Simão não teve como discutir e foi embora.

Então, o sábio chamou mais alguns homens, e todos juntos conseguiram empurrar o cavalo teimoso.

Trancado na estrebaria da casa do sábio, Simão ficou muito preocupado. Com a fita na pata, não podia virar menino.

"Que é que eu vou fazer?", pensava. "Bem que minha consciência avisou pra não enganar os outros. Se eu conseguir sair dessa, juro que nunca mais vou fazer trapaça com ninguém..."

O coitado estava arrependido de verdade. Por isso, recebeu uma boa ajuda da sorte.

Um menino entrou na estrebaria, gostou do cavalo e foi acariciar o focinho dele.

— Por favor, tire a fita da minha pata — pediu Simão. — Está me incomodando...

O menino tirou a fita e, mais que depressa, Simão recitou a fórmula mágica. Então, ele se transformou em andorinha e saiu voando dali.

Mas o feiticeiro estava
espiando tudo, escondido atrás
da porteira da estrebaria.
E, quando viu a andorinha
voando, tratou de se
transformar num enorme gavião.

"Você não me escapa, seu moleque
sem-vergonha", pensou ele,
voando atrás do menino-passarinho.

Simão estava tão contente por
poder voltar à sua casa
que demorou um tempão para notar
que estava sendo seguido. E, quando
percebeu, ficou tremendo de medo.

— O mestre se transformou
em gavião! E agora? Ele vai
me picar em pedacinhos!

O gavião pousou num galho,
bem perto da andorinha, e fez
cara de poucos amigos.

"Vou dar um bote e agarrar
esse pilantra com pena e tudo",
pensava, esperando o momento mais
indicado para acabar com Simão.

A andorinha também parou um pouco e olhou para lá e para cá, procurando um esconderijo. Foi aí que notou que estava bem em cima do jardim de um palácio. E viu lá embaixo uma princesinha apanhando flores.

"Preciso virar alguma coisa e chegar perto dela", decidiu.

Simão pensou um pouco e recitou uma fórmula mágica. Falou bem baixinho, para o sábio não poder escutar:

— Chega de ave no céu: agora eu sou um anel.

Na mesma hora, a andorinha virou anel e foi cair justo no colo da princesa, que olhou a jóia com admiração e a colocou no dedo.

Mais do que depressa, o mestre falou as palavras para se transformar em príncipe.

Só que ele se transformou em
pleno céu, e despencou lá
do alto porque gente não voa.
Depois desse susto, ele foi
falar com a princesa:

— Por favor, devolva
o anel que deixei cair aqui.

A menina ficou tão espantada
que, em vez de perguntar
como o anel tinha caído ali,
foi logo tirando a jóia do
dedo para entregar ao sábio.

Com muito medo, Simão pensou: "Fui um mau filho; agora sou um grão de milho". E transformou-se mais uma vez, caindo da mão da princesa e rolando na grama.

— Eu cacarejo, não falo; agora sou um galo — disse o feiticeiro.

Logo, virou um galo, saltou na grama e começou a procurar o grão de milho. Aflito, Simão pensou numa saída para aquele problema.

E bem rápido conseguiu achar uma boa solução, murmurando outra fórmula mágica:

— Nem marido nem esposa; agora eu sou uma raposa.

O feiticeiro, então transformado em galo, estava tão distraído procurando o grão de milho que não percebeu nada. De repente, uma enorme raposa saiu do meio das plantas e saltou em cima dele. O coitado não teve tempo de dizer um ai.

Aliviado com o fim de seu inimigo, o esperto Simão não perdeu tempo. Ainda como raposa, rosnou outra fórmula mágica:

— Nem raposa, nem elefante:
agora eu sou um menino elegante.

Simão reapareceu vestindo uma roupa muito bonita. Com o livrinho vermelho embaixo do braço, ele agradeceu a ajuda:

— Você salvou a minha vida, princesa. Agora pode me pedir o que quiser...

Mas ela só queria saber o que tinha acontecido no jardim do seu palácio.

— Parecia um duelo de bruxos! — exclamou a menina.

Aí, Simão contou a história inteirinha.

O garoto admitiu que tinha sido muito mal-agradecido com o patrão e desonesto com os mercadores. Então, Simão percebeu que seu mestre tinha razão: fórmulas mágicas só podiam ser conhecidas por quem já soubesse o que era bom e o que era mau. Arrependido, queimou o livro. E, enquanto a magia virava fumaça, ele pediu para a princesa se tornar sua noiva. E ela aceitou, muito contente.

O pássaro de ouro

Ilustração: Una

No pomar do rei Felipe, cresciam maçãs de ouro. E, todo dia, ele ia contar as preciosas frutas. Mas, certa vez, deu por falta de uma delas e ficou preocupadíssimo.

— Alguém está roubando as minhas maçãs — resmungou. — Preciso cuidar melhor delas.

Felipe chamou os guardas e mandou que prendessem o ladrão imediatamente. Vasculha daqui, busca de lá, e nada. Preocupado com aquele mistério, na noite seguinte o rei decidiu chamar seu filho mais velho, Fulano, para vigiar a macieira.

O rapaz foi cumprir a ordem. Mas, lá pela meia-noite, caiu no sono. E, na manhã seguinte, o rei descobriu que faltava outra maçã.

— Você é mesmo um imprestável! — gritou para o filho. — Como é que deixou o ladrão roubar a fruta bem debaixo de seu nariz?

O moço estava tão chateado que nem respondeu. E o rei mais uma vez passou o dia vigiando as macieiras. Ao entardecer, entrou em casa e ordenou a Sicrano, o filho do meio:

— Esta noite, é você quem vai montar guarda. Veja lá se não dorme, feito seu irmão.

Sicrano foi para o jardim. Mas, à uma hora da madrugada, caiu no sono.

E outra maçã sumiu.

— Ah, com esses filhos que eu tenho vou acabar na miséria... — suspirou o rei. — Só o meu caçula, Gustavo, pode me salvar.

E, naquela noite, o príncipe Gustavo foi guardar o jardim. O moço não pregou o olho o tempo todo e, às duas da manhã, viu um pássaro roubar uma maçã. Tentou matá-lo, mas a flecha pegou o bichinho de raspão e só lhe arrancou uma longa pena de ouro.

Na manhã seguinte, Gustavo foi correndo mostrar a pena para o pai.

E contou o que tinha acontecido.

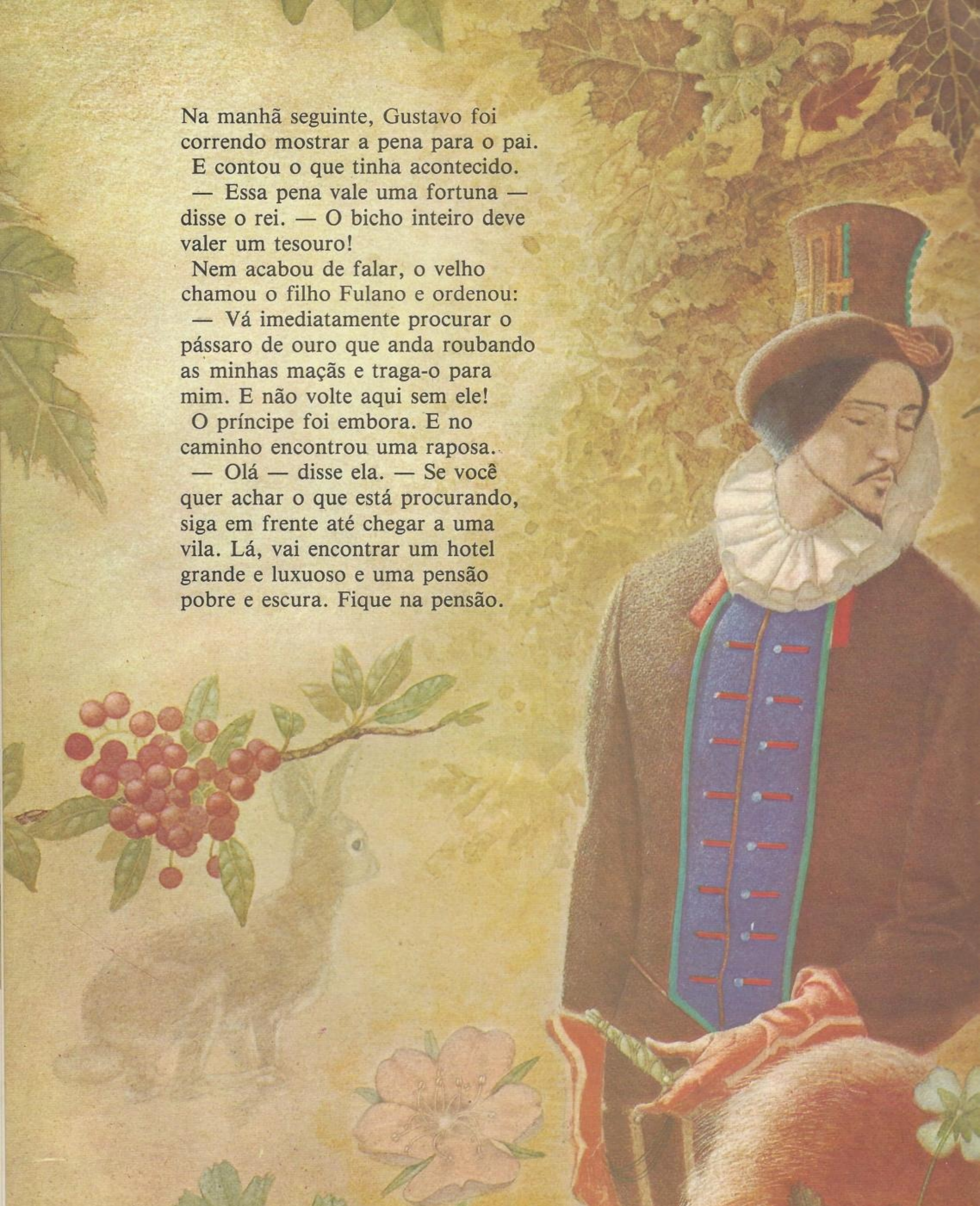
— Essa pena vale uma fortuna — disse o rei. — O bicho inteiro deve valer um tesouro!

Nem acabou de falar, o velho chamou o filho Fulano e ordenou:

— Vá imediatamente procurar o pássaro de ouro que anda roubando as minhas maçãs e traga-o para mim. E não volte aqui sem ele!

O príncipe foi embora. E no caminho encontrou uma raposa.

— Olá — disse ela. — Se você quer achar o que está procurando, siga em frente até chegar a uma vila. Lá, vai encontrar um hotel grande e luxuoso e uma pensão pobre e escura. Fique na pensão.



— Ora, eu estou acostumado com luxo — respondeu o moço. — Não vou ficar numa pensãozinha qualquer!

O príncipe seguiu o caminho e durante um mês não deu sinal de vida. Então, o rei perdeu a paciência e chamou o filho do meio.

— Vá procurar o pássaro — ordenou. — E, se achar seu irmão por aí, traga-o para casa.

Sicrano partiu. E, na floresta, encontrou a mesma raposa. Ela repetiu o que tinha dito para Fulano. E o moço respondeu igualzinho ao irmão.

Sicrano seguiu em frente e, mais adiante, encontrou a vila que a raposa tinha indicado. Então, viu o hotel luxuoso, iluminado do chão ao telhado, e a pensãozinha escura. Mas não teve tempo de olhar direito para nenhum dos dois, porque logo Fulano apareceu na janela do hotel, com uma caneca de vinho na mão, e gritou para ele:

— Ei, Sicrano! Suba até aqui você também. O pessoal é divertido.

— Você está bêbado! exclamou o irmão.

— Não estou bêbado, não — respondeu Fulano. — Essa é a vida que eu gosto.

— Mas faz mais de um mês que você não dá notícias... — comentou Sicrano. — Além disso nosso pai quer saber sobre o pássaro de ouro.

— Pássaro de ouro? — estranhou o outro. — Puxa, já tinha até me esquecido dele. Mas não faz mal. Amanhã a gente vai procurar. E levaremos não um, mas dois pássaros.

Assim, o filho do meio se deixou convencer pelo irmão mais velho e ficou no hotel luxuoso, na maior diversão.

Outro mês se passou, e nem Fulano nem Sicrano mandaram notícias. O rei Felipe já estava desesperado, achando que os dois tinham morrido. E não fazia mais questão de ter o pássaro de ouro.

— Vá procurar seus irmãos — disse para Gustavo. — E, se por acaso encontrar o tal pássaro, traga-o também. Mas não faça loucuras por causa dele.

— Pode ficar sossegado, meu pai — respondeu o moço. — Eu os trarei de volta.

E imediatamente o príncipe caçula se pôs a caminho.

Lá no meio da floresta, Gustavo
encontrou a raposa. Ela explicou como
devia fazer para chegar à vila
e onde tinha de passar a noite.

— Obrigado pela informação — disse
o príncipe. — Eu vou dormir na pensão.

— Estou vendo que você é um bom rapaz
— respondeu a raposa, bem alegre. —
Monte em mim, que eu levo você até lá.

— Imagine — respondeu Gustavo. —
Não quero lhe dar trabalho...

— Não é trabalho, não, é um prazer —
garantiu ela. — Venha, suba.

— Já que é assim, vamos lá!

Gustavo abraçou o pescoço da raposa
e foram embora, a galope.

Quando chegou à vila, o moço foi direto para a pensão e lá passou a noite, dormindo num colchão duro e cheio de pulgas. De manhã, encontrou a raposa na porta.

— Vim explicar como se pega o pássaro — disse ela.

— É muita gentileza sua — respondeu o príncipe.

— Você merece, pois foi atencioso. Siga em frente até chegar a um castelo. Entre sem fazer barulho. Logo vai ver uma gaiola de ouro e outra de madeira. Pegue o pássaro de ouro, ponha na gaiola de madeira e fuja.

O rapaz fez como a raposa disse, e dali a pouco estava no castelo. Desceu uma escada, atravessou um corredor e chegou a um salão muito grande, cheio de colunas e de arcos. Então, viu o pássaro e as duas gaiolas. Mais que depressa, agarrou o bichinho e estendeu a mão para as gaiolas. Mas não lembrava qual delas devia pegar.

— Só pode ser a de ouro... — murmurou. — Onde é que já se viu colocar pássaro de ouro em gaiola de madeira? Seria um disparate!

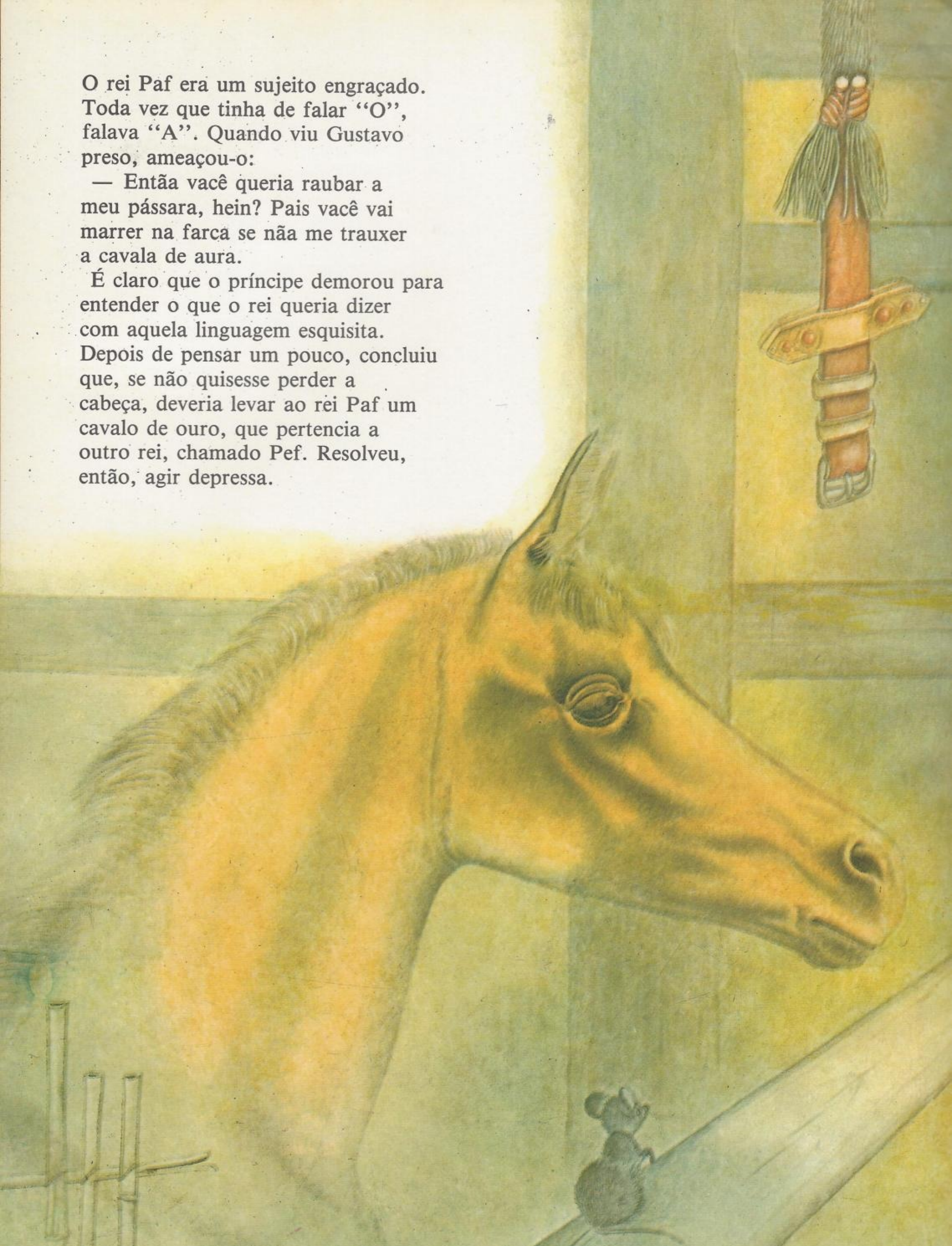
Sem pensar duas vezes, o príncipe trancou a ave na gaiola de ouro. Na mesma hora, o pássaro começou a gritar a plenos pulmões. Os guardas do castelo ouviram e foram correndo para o salão. Dois deles encostaram Gustavo contra a parede, e o mais carrancudo gritou:

— Ah, seu ladrão duma figa! Você vai ter de se explicar com Paf, o nosso rei.

O rei Paf era um sujeito engraçado. Toda vez que tinha de falar "O", falava "A". Quando viu Gustavo preso, ameaçou-o:

— Entãa vacê queria raubar a meu pássara, hein? Pais vacê vai marrer na farca se nãa me trauxer a cavala de aura.

É claro que o príncipe demorou para entender o que o rei queria dizer com aquela linguagem esquisita. Depois de pensar um pouco, concluiu que, se não quisesse perder a cabeça, deveria levar ao rei Paf um cavalo de ouro, que pertencia a outro rei, chamado Pef. Resolveu, então, agir depressa.



Gustavo andou sem rumo, pensando, desconsolado:
"Mas que raio de cavalo será esse que o rei quer?
Como é que eu vou fazer para encontrar tal bicho?"
Nisso, a raposa apareceu e explicou tudo:
— Você vai até o castelo do rei Pef, aquele que só fala "E" no lugar de "A". Procure a estrebaria no fundo do quintal. Lá, vai encontrar uma sela de ouro e outra de couro. Ponha a sela de couro no cavalo, e ele vai seguir você para qualquer lugar, sem o menor problema.
O príncipe agradeceu e foi embora. Mas, quando chegou à estrebaria, esqueceu como era a história da sela.
E decidiu que cavalo de ouro tinha de ter sela de ouro.
Então, colocou-a no lombo do animal. Foi o quanto bastou para o cavalo começar a relinchar.

Quando escutaram a barulheira, os guardas correram para a estrebaria. Num piscar de olhos, prenderam o príncipe e o carregaram amarrado para a sala do rei Pef.

— Que coise feie — disse o rei. — Eu devie corter sue cebeçe. Mes posso perdoer tudo se você me trouxer e princese...

— De eure? Quer dizer, de ouro? — perguntou Gustavo, que já estava até se acostumando com aquela confusão que os reis faziam com as vogais.

— Nêo, e princese Belene, que tem o coreçêo de eure — corrigiu o rei Pef.

De fato, o rei queria que o rapaz lhe trouxesse a princesa do coração de ouro, filha do rei Pof, que morava num castelo próximo dali. Gustavo ficou desconsolado pois não sabia como cumprir a ordem, mas teve sorte. Logo que partiu, encontrou novamente a raposa pelo caminho. E ela o ajudou:

— Agora, preste atenção: vá até o castelo do rei Pof, que troca o "E" pelo "O", e espere no jardim. Quando Belena aparecer, pegue-a pela mão. Mas não deixe que ela se despeça dos pais, senão estraga tudo.

O rapaz fez tudo direito. Mas, quando ia saindo com a princesa, ela começou a chorar e pediu:

— Por favor, deixe eu dizer adeus aos meus pais.

Esquecendo o conselho, o moço concordou. Então, o rei Pof o prendeu. Depois lhe deu uma pá e disse.

— Bom, voçô quoria raptar minha filha, não ó? So voçô cavar aquolo monto om uma somana, lovará a prinçosa. Sonão, morrorá na forca.

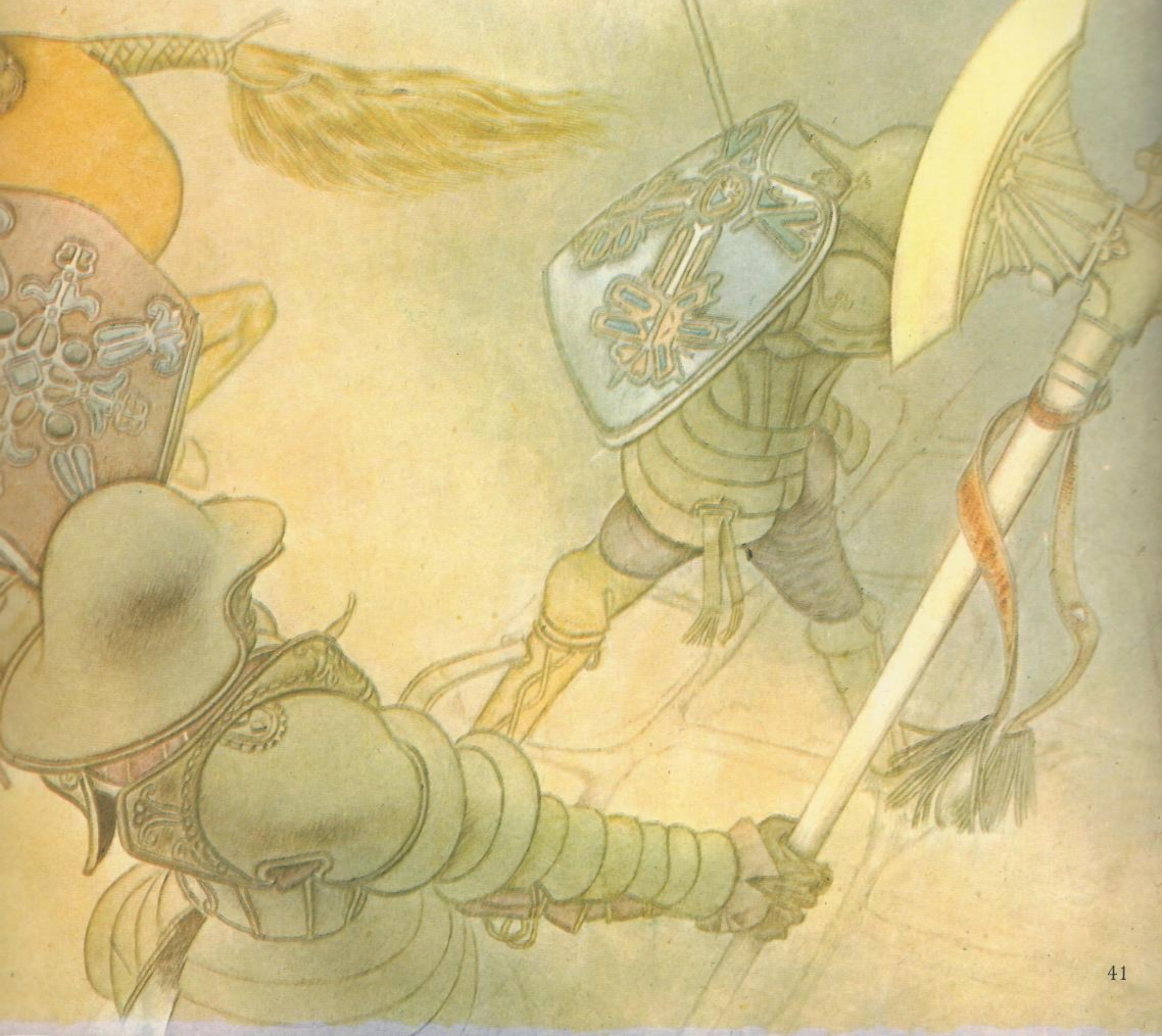
O rei Pof queria dizer que Gustavo deveria cavar um monte em uma semana. Se conseguisse, levaria a princesa. Senão, morreria na forca.

O coitado do Gustavo pegou a pá e foi cavar o monte.
Mas era muita terra para pôr abaixo em tão pouco tempo.
— Eu não vou conseguir fazer isso nem num ano inteiro, quanto mais numa semana... — suspirou.
Então, a raposa apareceu na frente dele e disse:
— Vai conseguir, sim. Eu ajudo você.
Ela se pôs a cavar mais depressa que um bando de tatus.
E no fim da semana não havia ali nem sinal do monte.
— Agora vá buscar a princesa — disse a raposa.
Gustavo obedeceu e dali a pouco estava de volta.

— Agora, deixe Belena comigo e vá ao castelo do rei Pef. Diga a ele que só entrega a princesa depois que receber o cavalo de ouro. Aí você monta no cavalo, foge e vem nos encontrar — falou a raposa.

O moço cumpriu as ordens. Mas a raposa prosseguiu:

— Deixe a princesa esperando na floresta. Depois, com o cavalo de ouro, vá até o rei Paf e, assim que ele lhe entregar o pássaro na gaiola de ouro, fuja a galope, apanhe a princesa e vá para casa.

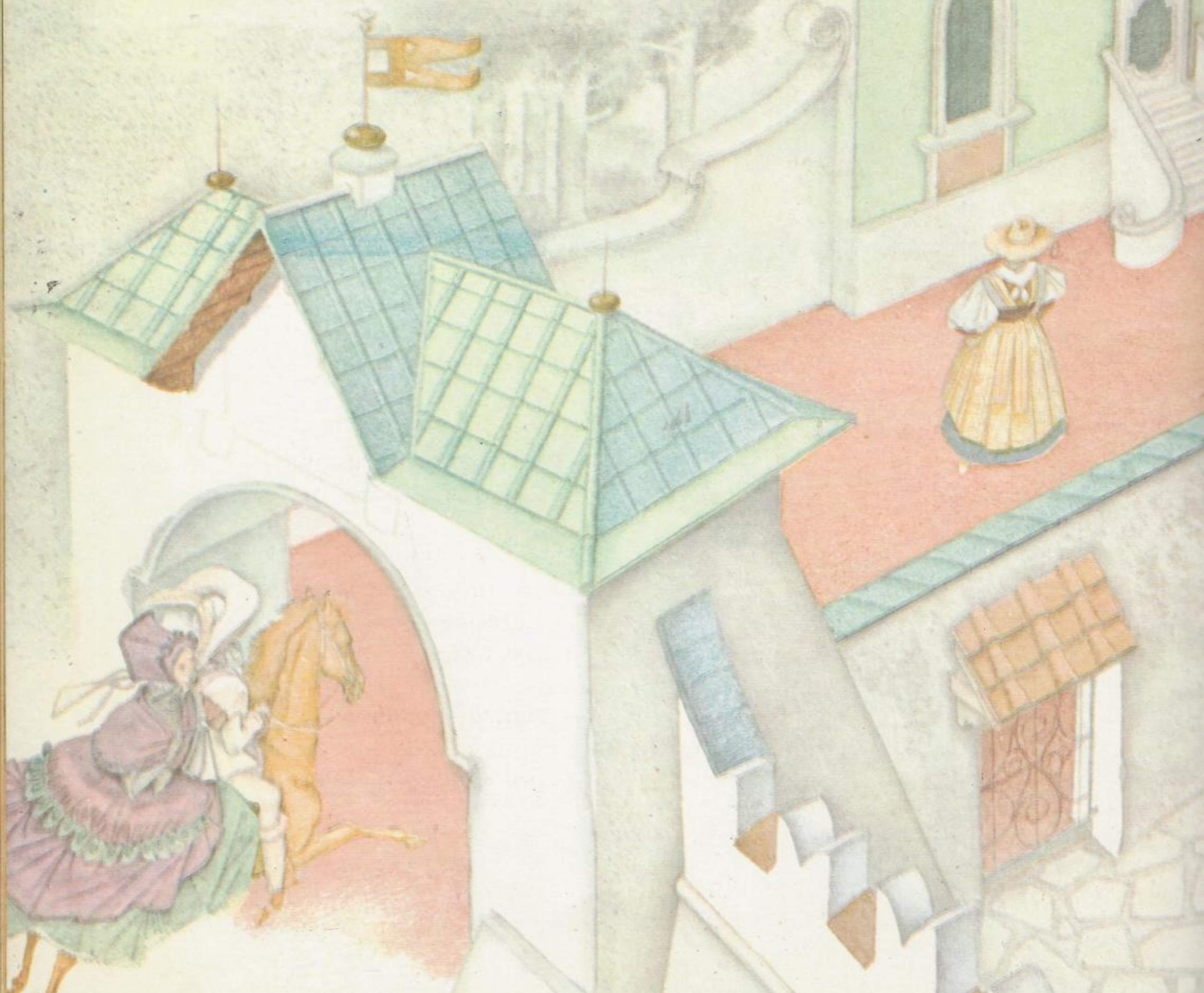


O príncipe fez tudo do jeitinho que a raposa mandou. E lá pelo fim do dia voltou para apanhar Belena.

— Parabéns — disse a raposa. — Espero que façam boa viagem.

— Obrigado — falou o moço.

— E não esqueça uma coisa — continuou a raposa. — Nunca compre prisioneiros.



— Comprar prisioneiros? Mas que idéia maluca, raposa!
Não tenho a menor intenção — disse o príncipe.

O rapaz e a princesa se despediram e foram embora.
Após algum tempo de viagem, chegaram à vila onde Gustavo tinha se hospedado. E então viram um bando de pessoas conversando na frente da cadeia.

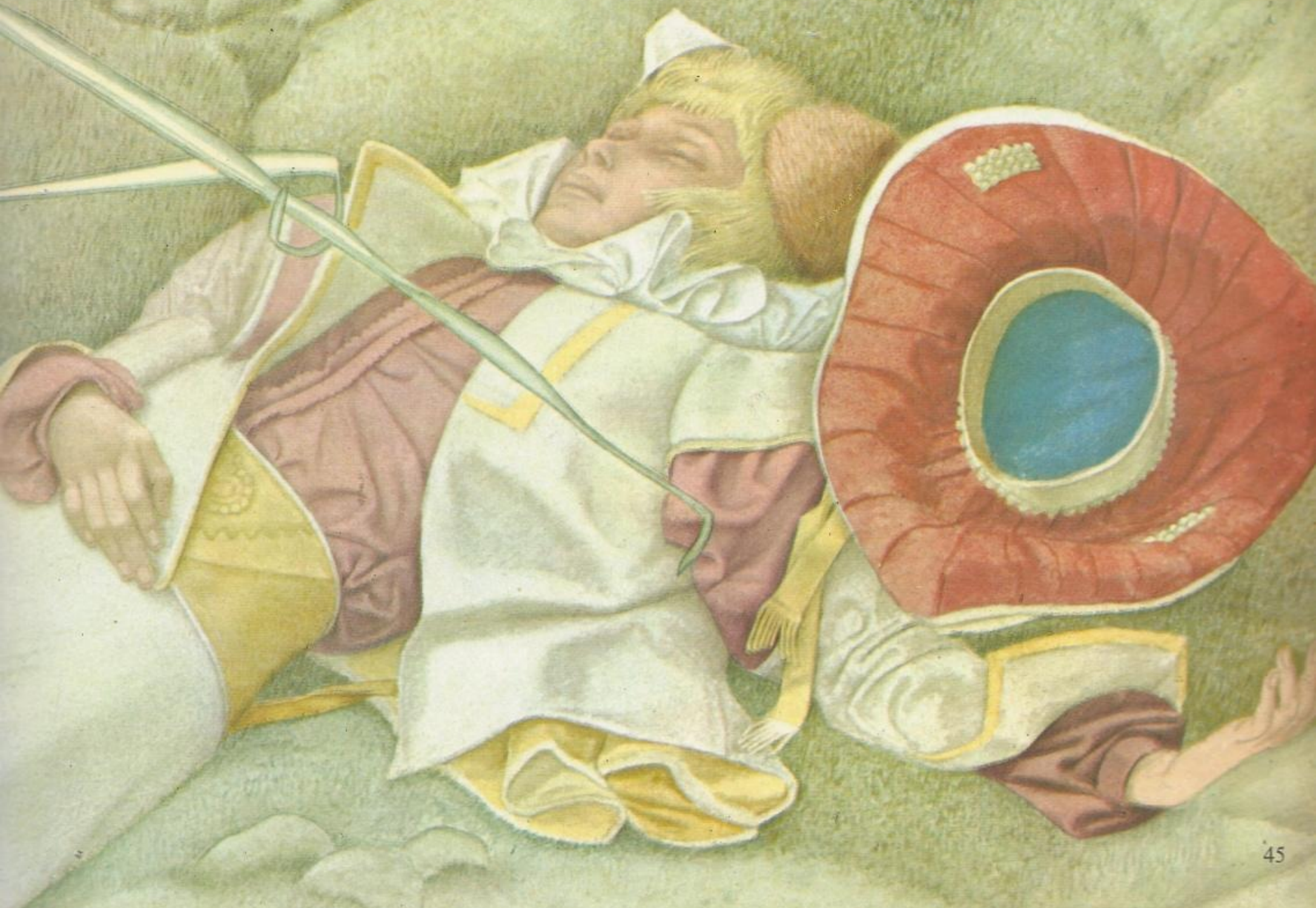
No meio daquele tumulto, era possível ouvir o povo comentando sobre o enforcamento de dois irmãos, que se realizaria na manhã seguinte. Eles eram forasteiros, tinham se hospedado no hotel de luxo e há meses comiam e bebiam sem pagar.

O príncipe logo entendeu que os dois caloteiros eram seus irmãos mais velhos, Fulano e Sicrano. Gustavo perguntou quanto os moços deviam, pagou as dívidas, falou com o delegado e libertou os irmãos.

Sem perceber, Gustavo acabou
comprando prisioneiros. E pagou caro.
Pois, assim que se afastaram
da vila, os irmãos deram uma
paulada nele e jogaram o coitado
num buraco. Então, pegaram tudo
que ele tinha e foram para casa.

Gustavo ficou caído no buraco, mais morto que vivo. Até que a raposa foi ajudá-lo. Primeiro, ela juntou um monte de ervas, fez uma porção de emplastros e colocou nas feridas dele. Depois foi assaltar os galinheiros da vila, arrumar comida para o rapaz. E no fim de uma semana conseguiu curar o príncipe.

— Seus irmãos contaram para o rei que você morreu e que eles é que pegaram o pássaro de ouro, o cavalo de ouro e a princesa do coração de ouro — disse ela.



Gustavo quis desmascarar os irmãos, mas não sabia como fazer isso. Então, a raposa teve uma boa idéia:

— Por que você não se disfarça de mendigo e vai até o palácio?

— Ora, os guardas não vão me deixar entrar... — suspirou o moço. — E, mesmo se deixassem, meu pai não iria acreditar na minha história...

— Não precisa entrar e nem falar nada — disse ela. — Só chegue perto do muro do jardim, que a verdade aparece na hora.

— Mas como? — perguntou o rapaz.

— Deixe comigo — foi a resposta.

Mais uma vez o príncipe fez como a raposa disse. E, assim que chegou perto do muro do jardim, o pássaro que estava quieto começou a cantar, o cavalo que não comia devorou uma pilha de alfafa e a princesa que não falava abriu a boca.

A moça começou a brilhar
inteira, como se fosse
toda de ouro, e se
aproximou do mendigo.

— Gustavo! Não adianta
se disfarçar! Eu
reconheceria você de
qualquer jeito. E, agora
que você voltou, sinto
coragem para
falar e denunciar seus
maldosos irmãos. Rei,
seu filho Gustavo é o
verdadeiro herói: foi ele
quem conquistou o cavalo
e o pássaro de ouro.

E contou para o velho
tudo o que tinha acontecido.

— Ah, os dois salafrários
vão pagar caro! —
esbravejou o rei. —
E você, meu caçula,
vai herdar minha coroa
e casar com Belena.

Dito e feito, Fulano e
Sicrano foram para a prisão.
Gustavo se casou com Belena
e ficou morando no palácio.

Um dia apareceu por lá a
raposa que tanto o havia
ajudado, e pediu para ele:

— Por favor, corte minha
cabeça e minhas patas.

— Mas por quê? —
perguntou o príncipe.

— Porque só assim eu vou me
livrar do encantamento que um
bruxo me fez — respondeu ela.

Diante disso, o moço atendeu
o pedido. Então, a raposa virou
um belo príncipe e falou:

— Eu sou o irmão de Belena,
único herdeiro do rei Pof.
E foi embora para o castelo
do pai, viver como merecia.